

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CÁSSIA RITA ZAMBONI

**DESAFIOS DA MEDIAÇÃO DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DURANTE A
PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19 EM 2020**

**CHAPECÓ
2021**

CÁSSIA RITA ZAMBONI

**DESAFIOS DA MEDIAÇÃO DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DURANTE A
PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19 EM 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jane Teresinha Donini Rodrigues

CHAPECÓ

2021

CÁSSIA RITA ZAMBONI

**DESAFIOS DA MEDIAÇÃO DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DURANTE A
PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19 EM 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 08/12/2021

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Jane Teresinha Donini Rodrigues - UFFS
Orientadora

Profª Drª Solange Maria Alves - UFFS
Avaliadora

Profª Ms Camila Soares dos Santos – Rede Pública de Educação Básica Chapecó
Avaliadora Externa

DESAFIOS DA MEDIAÇÃO DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DURANTE A PANDEMIA CAUSADA PELA COVID-19 EM 2020

Cássia Rita Zamboni¹

Jane Teresinha Donini Rodrigues²

RESUMO

Esta pesquisa, objetivou analisar como docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas do município de Chapecó/SC mediarão o processo de aprendizagem escolar no contexto pandêmico. Tomou-se como foco as experiências vividas por um grupo de 6 professoras que em 2020, atuaram nos dois primeiros anos de escolarização em escolas dos sistemas de ensino municipal, estadual e privado do município de Chapecó-SC. A opção metodológica, foi pela abordagem de pesquisa qualitativa, utilizando a técnica do Grupo Focal, desenvolvido por meio da plataforma virtual Cisco Webex Meetings. Para a coleta de dados, realizou-se um encontro por semana, durante 15 dias úteis, com duração de 1h e 30 minutos cada encontro. Os diálogos foram transcritos e organizados em eixos de ênfases. Para subsidiar teoricamente os estudos, uma aproximação à perspectiva histórico-cultural, especialmente aos estudos de Vigotski, possibilitou a definição de três superfícies de análise – desafios da mediação, aprendizagens docentes e estratégias pedagógicas - que nos serviram de lentes para compreender o processo pesquisado. Assim, constatou-se que a mediação e os processos de aprendizagem ficaram comprometidas em vários aspectos, como na qualidade, equidade, no acesso aos meios necessários, seja recursos tecnológicos ou meios didáticos pedagógicos.

Palavras-chave: docente; pandemia; aprendizagem; mediação.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS cassia.zamboni@estudante.uffs.edu.br

² Professora Orientadora. Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. jane.rodrigues@uffs.edu.br

CHALLENGES OF TEACHING MEDIATION IN THE EARLY YEARS DURING THE PANDEMIC CAUSED BY COVID-19 IN 2020

ABSTRACT

This research aimed to analyze how teachers from the early years of elementary school at schools in the city of Chapecó, Santa Catarina, mediated the school learning process in the pandemic context. The focus was on the experiences of a group of 6 teachers who, in 2020, worked in the first two years of schooling at schools in the municipal, state, and private education systems of the city of Chapecó, Santa Catarina, and despite the changes imposed by the pandemic condition, continued their teaching activities, having to deal with the new reality in operation. The methodological option was the qualitative research approach, using the Focal Group technique, developed through the Cisco Webex Meetings virtual platform. For data collection, one meeting was held a week, for 15 working days, lasting 1 hour and 30 minutes each meeting. The dialogues were transcribed and organized into emphasis axes. To theoretically support the studies, an approach to the cultural-historical perspective, especially to Vygotsky's studies, allowed the definition of three analytical categories – mediation challenges, teacher learning, and pedagogical strategies – which served as lenses to understand the researched process. Thus, it was found that mediation and learning were compromised in several aspects, such as quality, equity, access to the necessary means, whether technological resources or pedagogical didactic.

Keywords: teacher; pandemic; learning; mediation.

INTRODUÇÃO

No ano de 2020, vivemos um contexto de pandemia sem precedentes, causada pela COVID-19, doença causada pelo vírus denominado SARS-CoV-2. Este acontecimento alterou a vida de todos, de toda a sociedade, em todos os setores, no mundo todo. Tivemos interrupções de atividades parcial e totalmente, em diferentes momentos. Pois, com um vírus tão ameaçador, foi necessário o isolamento social, em que houve o fechamento de serviços e atividades que não fossem essenciais e que provocassem aglomerações. Assim, introduziu-se o *home office* na rotina de trabalho das pessoas, incluindo as escolas e profissionais que trabalham nesse meio, a partir dessa ação, pretendia interromper a propagação do vírus.

Poderia, mesmo brevemente, mencionar os impactos em cada setor afetado em seu modo de produção e/ou dos processos e atividades desenvolvidas. Mas aqui, meu interesse de pesquisa se concentra no campo da educação escolarizada, mais especificamente nas experiências vividas por um grupo de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, que apesar das mudanças impostas pela condição de pandemia, seguiram sua atuação na mediação docente, tendo que lidar com a nova realidade imposta.

Estas condições, como já observado anteriormente, provocaram uma reviravolta em todas as atividades na sociedade, isso inclui os espaços escolares. Com a situação de ensino remoto/presencial com grupos alternados, por tempo indeterminado. No município de Chapecó (SC), as aulas presenciais na rede pública foram suspensas a partir do dia 17 de março de 2020³, com isso, os alunos tiveram que contar com aulas remotas para seguir o ano letivo.

Dessa maneira, foi necessária uma adaptação, tanto para os professores quanto para os alunos, que precisaram lidar com o afastamento da rotina escolar e partir para uma nova realidade, um outro jeito de “ir para a aula”. Muitos, tendo pouco ou nenhum acesso à internet para acompanhar as aulas. Houve uma variedade de uso das plataformas como o *Google Meet*, aderido pela rede municipal e estadual de educação para aulas síncronas e a Plataforma *Google Classroom* para encaminhamentos e retornos de atividades propostas pelos professores. Desse modo, foi implantada a alternativa de *drive thru*, ou seja, os pais se dirigem à escola apenas para retirar a atividade de seus filhos, que não possuem acesso ao meio digital. As escolas privadas utilizaram e utilizam recursos diferenciados como a Plataforma *Teams*, *Plurall*, dentre

³ DECRETO Nº 515, DE 17 DE MARÇO DE 2020. Disponível em: https://www.sc.gov.br/images/Secom_Noticias/Documentos/VERS%C3%83O_ASSINADA.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

outras, já algumas possuem plataformas institucionais para a realização de aulas remotas e encaminhamentos de tarefas.

Na condição de pedagoga em formação, compartilho da angústia provocada pela instabilidade em relação a sequência da escolarização e os processos de ensino e de aprendizagem. Me preocupa, sobretudo, o trabalho docente, que por essência, se faz em processos de interação e mediação, cujo encontro, o contato, o olhar são fundamentais. A busca de entendimento e conhecimento mais aproximado a esta realidade que se impôs, deu origem a esta pesquisa que tem como objetivo: *Analisar como docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas do município de Chapecó-SC, mediarão o processo de aprendizagem escolar no contexto pandêmico no ano de 2020.*

A questão problematizadora que conduziu os caminhos desta pesquisa pode ser expressa da seguinte forma: *Como docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas do município de Chapecó-SC, mediarão o processo de aprendizagem escolar no contexto pandêmico no ano de 2020?*

Por se tratar de um tema atual e que necessita de muitas investigações e estudos para compreendermos de fato os desafios que estão postos nesse tempo, especialmente no meio escolar, entendo a pertinência dessa pesquisa que se propõe a olhar para além das regulamentações legais para orientar ou determinar a criação de alternativas materiais e recursos de acessos aos conteúdos escolares. O que moveu esta pesquisa foi o interesse em investigar os processos criativos e os desafios da docência na mediação à aprendizagem de crianças em situação de isolamento social e afastamento físico da escola; analisar os processos de aprendizagem docente, a partir da perspectiva histórico-cultural, pensando nas condições de se efetivar esses processos em situações de excepcionalidade como é a pandemia; identificar estratégias pedagógicas, recursos materiais e imateriais utilizados pelas docentes para mediar os processos de ensino e de aprendizagem.

Os recursos metodológicos que permitiram alcançar os resultados, ainda que provisórios, se ancoraram nos propósitos da pesquisa qualitativa em educação, entendendo com Minayo (1994) que a abordagem qualitativa é aquilo que não pode ser quantificado, mas que possui múltiplos significados, crenças, etc.. Para a coleta de dados encontramos na técnica do grupo focal, um caminho que possibilitou o estudo a partir do diálogo entre as participantes da pesquisa e a pesquisadora, sobre o tema proposto.

Em se tratando de um Trabalho de Conclusão de Curso, optei por organizá-lo em títulos procurando expressar as compreensões e estudos prévios realizados sobre cada conceito envolvido nessa temática. Assim, após a introdução, foram apresentados, o título 2, com a

metodologia, destacando cada passo dos caminhos metodológicos, anunciando uma pesquisa qualitativa que adota como técnica o Grupo Focal. Posteriormente, organizo os principais elementos para aprofundamento teórico, como título 3: A mediação na perspectiva histórico-cultural: uma revisão teórica; título 4: aprendizagens da/na mediação docente: o cenário pandêmico; e por fim, as considerações finais expressando as aprendizagens produzidas por meio desta pesquisa.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (1994, p.21) “trabalha com o universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Nessa direção, o foco de atenção foi no processo de mediação docente e os desafios para dar sequência às aprendizagens e desenvolvimento de crianças em condições tão adversas como o contexto de pandemia no ano de 2020. Esse tema surgiu do interesse e preocupação com atual situação de pandemia, que impôs mudanças radicais no que se refere à docência e às condições de ensino e de aprendizagem, funções primordiais da escola e que foram abruptamente interrompidas provocando o afastamento entre os sujeitos desta ação.

A pertinência e atualidade do tema, na ocasião da produção do projeto de pesquisa⁴ demandou uma busca por publicações que versassem sobre discussões aproximadas e/ou sobre o próprio tema em foco. Considerando que a situação pandêmica se instalara recentemente (2020), iniciei as buscas pelo Portal de Periódicos CAPES⁵, usando os descritores “docência” e “pandemia”, sendo encontrados 127 resultados. Quando usados os critérios: idioma português e publicação entre os anos de 2020 e 2021, o resultado foi reduzido para um total de 12 documentos. A partir da leitura dos títulos e resumos, somente 1 teve relação com a nossa pesquisa, mesmo não sendo o foco do nosso estudo, Saraiva (et al, 2020) buscaram entender como foi o processo de adaptação da atividade presencial para a atividade de forma

⁴ O projeto foi produzido no semestre de 2020.2 atendendo a demanda do Componente Curricular Regular de TCC I. Após, encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, nº do parecer de aprovação 4.958.571, na data de 08/09/2021.

⁵ Naquele período do projeto de pesquisa, por ser ainda recente os estudos sobre a pandemia, não haviam documentos em outras plataformas que tivessem como enfoque os docentes, somente as crianças, por este motivo citamos aqui somente o Portal de Periódicos CAPES.

remota, bem como a exaustão docente que esteve presente no ano de 2020. (SARAIVA; et al, 2020), logo, confirmou-se a pertinência de realizarmos uma investigação nesse “território”.

Como técnica de pesquisa, adotamos o Grupo Focal (GF), que, segundo Gatti (2005, p.7) implica a condição de que “Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”. Por isso, a escolha por um grupo de docentes que vivenciaram os desafios de um tempo pandêmico e os impactos na mediação com a criança e seus modos de aprender. Para efetivar a técnica de pesquisa apresentada por Gatti (2005), adaptamos às condições reais de afastamento social, criando um Grupo Focal Virtual (GFV)

Como campo de pesquisa, optamos por envolver os três sistemas de ensino do município de Chapecó - SC: municipal, estadual e privado⁶. Essa opção se deve ao fato de que a pandemia atingiu a todos, sem distinção e que os protocolos sanitários foram medidas recomendadas para toda população, em todos os setores. Desse modo, as instituições foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: a) escolas localizadas no Município de Chapecó; b) escolas que ofereçam Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano); c) a escola municipal atendendo o critério de estar localizada em algum bairro periférico da cidade; d) a escola da rede estadual, situada no interior do município (escola do campo); e) da rede privada, escola localizada no centro de Chapecó-SC; f) escolas pertencentes a uma das redes de ensino: municipal, estadual e privada.

Olhar para as experiências de docentes que atuam em todas as redes de ensino, nos possibilitou analisar as diferentes realidades e diferentes enfrentamentos a uma mesma situação imposta pela pandemia. Desta forma, os critérios de inclusão dos participantes⁷ da pesquisa foram assim definidos: a) Ter formação inicial em Pedagogia e atuar como docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; b) ter atuado na docência do 1º e/ou 2º ano, durante o ano de 2020, período inicial da pandemia e de todas as modificações provocadas pelo fenômeno; c) atuar em escola situadas no município de Chapecó (SC); d) concordar em participar do Grupo Focal, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A definição das escolas da rede pública municipal se deu por intermédio da Secretaria Municipal da Educação (SEDUC) que selecionou 5 escolas de bairros periféricos do município, já as escolas da rede pública estadual, foram definidas sob anuência da Secretária de Educação, do mesmo modo que as escolas privadas tiveram a autorização de seus diretores. A partir dos

⁶ Atribuído para este trabalho um código para cada escola, ou seja, o código A se refere à escola privada, código B para escola municipal e o código C para a rede estadual.

⁷ Os nomes atribuídos às docentes participantes da pesquisa são nomes fictícios, ou seja, os nomes que aparecerão neste texto não são reais, respeitando a não divulgação da identidade das mesmas.

critérios e devidas autorizações, 17 professoras adequaram-se aos critérios para participar da pesquisa, destas, 02 não aceitaram participar, 08 não responderam e 01 aceitou contribuir, porém não participou dos encontros. Portanto, contamos com a participação de 02 professoras da rede privada, 01 da rede municipal e 03 da rede estadual, sendo que desta rede de ensino, foi necessário atribuir o mesmo critério usado para a rede municipal, “estar localizada em Bairro periférico”, uma vez que, as três escolas localizadas no meio rural, uma de educação no campo e duas escolas indígenas, não retornaram ao convite. Assim, contamos com uma escola estadual, localizada em um bairro bastante populoso da cidade de Chapecó.

Para a realização do GFV⁸, fizemos três encontros de aproximadamente uma hora e trinta minutos cada, durante quinze dias úteis. Sabemos que a técnica do Grupo Focal requer que a pesquisadora interfira o menos possível durante a realização do grupo, a estratégia principal é que houvesse interação entre os participantes do grupo e não possuir perguntas e respostas diretas (GATTI, 2005).

Para a realização do GFV, utilizamos a ferramenta de videoconferência Cisco Webex Meetings, que nos permitiu fazer a gravação de tela e áudio, previamente autorizada pelas participantes por meio da assinatura do TCLE, incluindo o uso de imagens e voz. Diante do contexto pandêmico, o envio dos termos foi via Google Formulário, sob a garantia do uso das informações arquivadas para fins unicamente de investigação.

Foram realizados 3 encontros com duração média de 1 hora e 30 minutos, distribuídos em 15 dias úteis, em horário diferente do de atuação das professoras nas respectivas escolas. Após os encontros, foi realizada a transcrição dos diálogos, a organização e categorização dos dados produzidos de forma online, que subsidiaram a formulação da análise, discussão e articulação teórica.

A MEDIAÇÃO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: uma revisão teórica

Olhar para o título desta sessão e à pergunta mobilizadora desta investigação, que interroga sobre o *como docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas localizadas no município de Chapecó-SC, mediarão o processo de aprendizagem escolar no contexto pandêmico no ano de 2020*, nos remeteu ao exercício de busca teórica nos escritos de Vigotski

⁸ Utilizo o termo Grupo Focal Virtual (GFV) para expressar a condição de realização dos diálogos por meio de recursos virtuais, no caso, a plataforma Cisco Webex Meetings.

e estudiosos desse autor. O conceito de mediação cunhado por Vigotski, nesse trabalho, se tornou central quando nos colocamos a pensar e compreender a ação mediadora da docência investida para garantir a continuidade da escolarização de crianças dos primeiros anos escolares, em meio a situação pandêmica.

Costas e Ferreira (2011) explicitam o quão equivocado pode ser o uso do conceito de mediação quando olhamos para o cotidiano escolar. Diante disso, as autoras alertam, inicialmente, sobre o que *não podemos* (grifo nosso) entender por mediação quando tomamos a obra de Vigotski como referência:

A simples e assistemática inter-relação entre os sujeitos; a interferência nas interações entre sujeitos com o intuito de meramente impor regras, sem discussão; a Quaisquer tipos de atividades rigidamente estruturadas que não permitam que os sujeitos possam expor-se através de práticas de linguagem (COSTAS; FERREIRA, 2011, p. 206).

Ao contrário disso, as autoras apresentam a mediação como “rico processo de interação entre os sujeitos, tendo a linguagem como ambiente”. Explicam as autoras que esse conceito de ambiente se apoia na concepção gadameriana para quem “a linguagem é o meio, o ambiente, onde se realiza o acordo entre os interlocutores e um possível consenso acerca do que é dito”. (GADAMER, 1988, p.462, apud COSTAS; FERREIRA, 2011, p. 206). Vale destacar, sobre a posição de Gadamer, citada pelas autoras, que em Vigotski encontramos o entendimento de que

[...] as origens de formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior. Mas o homem **não é apenas um produto de seu ambiente, é também um agente ativo no processo de criação deste meio.** (LURIA, 1988, p. 25 apud COSTAS; FERREIRA, 2011, p. 209). (grifo nosso)

Não entendemos que os conceitos de ambos os autores se referem a coisas diversas, mas que na concepção de Vigotski esse sujeito, que é produto do meio, também age e modifica-o, cria instrumentos de acordo com as necessidades. Nessa direção, pensamos na situação das docentes participantes da pesquisa, como elas, ao mesmo tempo em que foram se modificando nas condições ambientais pandêmicas, modificavam essas condições criando diversos instrumentos que garantissem a continuidade da escolarização, mesmo em situação tão adversa.

Em Vigotski, esse fazer(se)/modificar(se) ao interagir com o meio, produz o que podemos chamar, em linguagem simples, de desafios, que favorecem a criação/elaboração de instrumentos para resolver as situações diversas que se colocam. Nesta esteira, encontramos aproximações entre as formulações de Vigotski com aquele que as inspirou em grande parte – Marx. Suas “concepções de classes, base e superestrutura, além de relacionar indelevelmente

os seres humanos às suas contingências materiais [...], revelam [...] um aspecto relevante para a compreensão do humano, o trabalho” (COSTAS; FERREIRA, 2011, p.208). o trabalho se torna categoria central na constituição do humano, entendendo que, o homem, pelo trabalho, transforma a natureza, produz-se como humano.

Vygotsky trata da gênese das funções mentais superiores por meio do conceito marxista de mediação, como já exposto. A mente forma os conceitos pela mediação de signos, e a linguagem passa a ser o meio ou o modo mais importante que os seres humanos possuem para formar conceitos e para aprender, mas sempre no contexto da interação social." (MARTINS; MOSER, 2012, p.14)

Ainda que na perspectiva histórico-cultural seja no contexto que se confere significado às ações, é também possível afirmar que os meios produzidos neste contexto, são dinâmicos e por isso, a mediação é dinâmica. Quer dizer, o fato de as crianças terem sido, obrigatoriamente, afastadas da escola, não interrompeu as capacidades para aprender, mas modificou, necessariamente, a função da mediação. Segundo Martins e Moser (2012, p.13) "Nas duas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, os meios virtuais e digitais introduziram o ensino no ciberespaço. A mediação virtual expandiu-se e ampliou as possibilidades de aprendizagem e de ensino", ou seja, esses meios já estavam sendo introduzidos no ensino, mas não de uma forma tão intensa como foi com a chegada da pandemia, então a mediação pode ser compreendida como um processo de entrada de um elemento intermediário na relação, ou seja, a relação é mediada por esse outro elemento, esse que o ensino remoto tende a proporcionar.

Se toda ação humana supõe uma mediação, do mesmo modo a aprendizagem se faz com a mediação semiótica ou pela interação com o outro, na interação social, na qual as palavras são empregadas como meio de comunicação ou de interação. (MARTINS; MOSER, 2012, p.10)

Desta forma, sigo, compreendendo que a mediação é um ato de interação “entre um e um outro”, o que me possibilita analisar como a mediação da aprendizagem pode ocorrer quando os impactos de algum fenômeno impedem a interação presencial entre docente e crianças. Dessa compreensão, a instigante questão sobre como foi mediado o processo de aprendizagens das crianças afastadas da escola por força da pandemia. Se a mediação acontece em toda ação humana, pois o agir está sempre atrelado ao outro, imaginado ou real, a hipótese que arrisco a formular, é que, existindo a mediação em qualquer tipo de relação, presencial ou virtual, a aprendizagem se produz, não do mesmo modo, mas, por meio de instrumentos

distintos daqueles convencionalmente utilizados pela escola. Assim como afirma Oliveira (2002)

O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (OLIVEIRA, 2002, p. 33 apud MARTINS; MOSER, 2012).

Como a mediação é inerente a atividade da docência, se tornou conceito central nesta pesquisa, especialmente na interação com as docentes participantes do GFV, quando a experiência de ter atuado no processo de aprendizagens escolares durante um momento extremamente peculiar, foi compartilhada e discutidas em um ambiente virtual. No próximo item, me ocupo da apresentação, análise e reflexões teóricas acerca destas experiências, como um modo de responder à questão problematizadora desse tema que demanda tanto estudo e pesquisa ainda.

DESAFIOS DA MEDIAÇÃO, APRENDIZAGENS DOCENTES E AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS EM CENÁRIOS DE PANDEMIA

O encontro com as vozes das docentes participantes da pesquisa e a escuta investigativa, em sintonia com a perspectiva sociocultural, que tem em Vigotski seu expoente, tomo o conceito de mediação para acompanhar as análises possíveis (para o que cabe a este TCC), dos diálogos que se deram nos momentos do Grupo Focal Virtual. O conceito de mediação contribuiu para estabelecer um olhar investigativo sobre o momento imposto pela pandemia que provocou rupturas na mediação docente, convencionalmente desenvolvida nas escolas, quando se impôs a condição de afastamento e isolamento físico da instituição escolar.

Assim, articulando os diálogos estabelecidos no GFV e a base teórica vigotskiana, foi possível encontrar três superfícies de análises, que puderam me aproximar à compreensão desejada sobre a mediação docente no período da pandemia: os *desafios da mediação* (expressão das dificuldades, em níveis profissionais, familiares e sociais), as *aprendizagens docentes* (daquilo que foi possível e necessário aprender para seguir ensinando) e *estratégias pedagógicas* (daquilo que mobilizou o ato criador, a inventividade, a pesquisa e os instrumentos de mediação). A partir dessas três superfícies de análise, foi possível compreender, mesmo que

parcialmente, pois não se tem a pretensão de uma compreensão total e definitiva, a experiência de mediação docente, vivenciadas no período de pandemia, pelas participantes da pesquisa.

Com Vigotski, aprendemos que a mediação é o que caracteriza a relação das pessoas com o mundo e com as outras pessoas, portanto, pensamos em uma relação de reciprocidade que possibilita o aprender, o conhecer, pela interação que impulsiona a aprendizagem. De acordo com Rego (1995), na perspectiva vigotskiana, a mediação se dá via dois elementos básicos, os instrumentos e os signos. “O *instrumento*, tem a função de regular as ações sobre os objetos e o *signo*, regula as ações sobre o psiquismo das pessoas” (REGO, 1995, p. 50, grifo no original), com isso podemos entender que a linguagem, meio mais importante para a aprender, é um *signo*, assim como, os gestos, sons, dentre outros, que mobilizam os processos psicológicos superiores. Já o *instrumento*, faz relação entre sujeito e objeto, no que se refere a algo concreto, algo que se coloca como apoio ou auxílio nas atividades desenvolvidas pelas pessoas em momentos de interações entre si e/ou com o outro e com o meio.

O instrumento é provocador de mudanças externas, pois amplia a possibilidade de intervenção na natureza [...]. Diferente de outras espécies animais, os homens não só produzem seus instrumentos para realização de tarefas específicas, como também são capazes de conservá-los para usos posteriores, de preservar e transmitir sua função aos membros do grupo, de aperfeiçoar antigos instrumentos e de criar novos. (REGO, 1995, p. 51-52)

Nesta pesquisa, encontramos os dois elementos de mediação, signo e instrumentos, em todo processo de coleta de dados, no GFV, assim como, nas experiências das professoras. A linguagem, (signo), nos possibilitou não só a comunicação como também a expressão de ideias sobre os temas discutidos, a expressão de situações vividas e recursos (instrumentos) utilizados nos diferentes momentos socializados. No dizer da professora Tânia (A), os recursos que lançaram mão para dar sequência às aulas, foram diversos, desde os mais tradicionais até os de inovações do momento, diferente da professora da rede municipal que destacou

a gente tinha o recurso dos livros, que eu acho assim que era muito bom, que tinha o livro na plataforma, então o livro estava todo na plataforma, tanto do professor, material complementar, até hoje nós temos tudo lá, tem pincel, tem caixa de texto, ia trabalhar com o livro lá, tu conseguia muita coisa dentro do livro né. (Tânia (A))

então eu posso dizer que o meu primeiro ano e o meu terceiro ano, eles tiveram somente atividades impressas e claro, a gente utilizou livros, os livros didáticos também, mas pensa na dificuldade para depois você fazer uma avaliação, você corrigir todo esse material, era calhamaço, era caixas de

atividades realizadas muitas vezes pelos pais e nem sempre do aluno. (Ester B))

Se estabelecem aí, relações mediadas pelas linguagens, digitais e convencionais da oralidade, assim como, as relações entre os instrumentos utilizados e as possibilidades de aprendizagens pelas crianças. Podemos visualizar na transcrição da fala da professora Clarice (C), quando comenta que também utilizavam o livro, “[...] mas daí a gente foi pra escola, organizou e disponibilizou para as famílias irem retirar o livro didático. História, geografia e ciências era mais com o livro, daí português e matemática a gente planejava outras coisas [...]”

Com o auxílio dos signos, o homem pode controlar voluntariamente sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, memória e acúmulo de informações [...]. Vygotsky dedica particular atenção à questão da linguagem, entendida como um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado no curso da história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas. (REGO, 1995, p. 52-53)

Através de Rego, seguindo a perspectiva de Vigotski, posso pensar a questão da linguagem a partir de alguns enunciados como o da professora Daiane (C). “*Eu lembro que uma mãe escreveu assim, ela disse: olha eu não consigo entender as coisas que a prof escreve, é muito difícil, eu não consigo entender isso.*” Nessa fala, a ilustração de que a linguagem se estabelece no grupo de convívio e naquilo que faz parte da cultura, tem relação com o contexto, como explica a professora:

Então assim, é porque a gente tá numa realidade e algumas coisas são muito comuns para gente, é tipo a minha mãe fazer pão, ela faz de olho fechado, agora se eu tiver que fazer pão, eu vou ter que começar a procurar a receita e ainda assim eu vou errar, então foi muito complexa essa questão da aprendizagem. (Daiane (C))

Da mesma forma, como cita Fontana (2005), na mediação, a linguagem se dá como um elemento crucial, mas, as palavras utilizadas entre o adulto e a crianças podem ser as mesmas, porém a internalização entre eles, pode ser com modos de pensar diferentes. Em suas palavras, a autora destaca que “nessa mesma relação, a função desempenhada pela palavra na atividade mental da criança e do adulto não coincidem. Crianças e adultos utilizam as palavras com graus de generalidade distintos” (FONTANA, 2005, p. 19). Isso remete a uma reflexão importante no que se refere a compreensão do desenvolvimento humano e a relação que se faz com a atividade escolar, a atividade de estudo e o papel imprescindível da escola como instituição social e da

educação que se desenvolve na escola pela mediação semiótica, utilizando um termo vigotskiano.

Na perspectiva histórico-cultural, há uma ênfase nas ações de interação, são condições importantes para a aprendizagem e conseqüentemente para o desenvolvimento das crianças. E, nessa situação, o mediador é capaz de potencializar o desenvolvimento através da interação verbal, isto é, com a troca de signos. A fala da professora Daiane (C) expressa sua preocupação quanto a efetivação de uma mediação à aprendizagem, na situação vivenciada

[...] me parece que enviando uma atividade impressa, eu não fiz mediação nenhuma, eu até posso ter tentado na minha escrita, explicar algumas coisas, mas eu acho que, para mim, é muito vago dessa forma, porque a mediação, ela acontece ali, também na interação com o outro, então me parece que quando era só o escrito, só entregue o impresso, eu acho que minha mediação, ela foi quase zero. (Daiane (C))

Embora da docente relatar que acreditava que não havia feito mediação de acordo com Martins e Moser (2012), a mediação se dá por diferentes signos e instrumentos, como a escrita, o meio virtual, as interações e não somente de forma presencial.

Apesar de a pandemia exigir modificações importantes no modo de ser e fazer a docência, a orientação básica às atividades docentes válidas para a rede estadual, seguiu sendo a Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC), a qual assume os pressupostos sócio-históricos que tem como expoente teórico, Vigotski. Toma suas principais concepções acerca do desenvolvimento e da aprendizagem humana, como âncoras para a organização curricular e disposições educacionais do estado. É possível compreender, a partir das orientações deste documento, que a mediação se dá por meio de diferentes modalidades, metodologias e estratégias.

A linguagem compreendida como instrumento psicológico de mediação simbólica é inerente às diferentes áreas de conhecimento. Desta forma, o desenvolvimento da linguagem de caráter científico-tecnológico e matemático se dá em exercícios de diferentes modalidades: oral, escrita, corporal, imagética e sonora, mediada por diferentes metodologias que resultem na produção autoral dos sujeitos da aprendizagem. (SANTA CATARINA, 2014, p. 156-157)

Diante desta afirmação expressa no documento orientador, é inevitável supor que professoras, são motivadas a fazer uso de distintas modalidades da linguagem e que, sua mediação possa se dar por meio de “diferentes metodologias que resultem na produção autoral dos sujeitos da aprendizagem”. Contudo, a realidade apontada pela professora da escola

estadual, explicita contradições no que diz respeito às instruções que orientam o planejamento e a prática docente a partir dos documentos orientadores,

*Para vocês terem uma ideia de como os nossos planos de aula funcionavam, a gente recebeu um modelo padrão, nesse modelo padrão, nós tínhamos que tirar da proposta, porque eu sempre tenho a ideia de que **currículo é uma coisa que você constrói no espaço onde você trabalha**, mas o **nosso currículo era a proposta**. Então a gente precisava, abrir a proposta e lá, no nosso ano escolar, retirar da proposta: competências, habilidades, conteúdos e planejar em cima daquilo [...] (Daiane (C), grifos nossos).*

Vale destacar que, em tempos de pandemia, o maior desafio se localiza na capacidade de conviver com a nova situação, criando formas, recursos, tempos e linguagens que possibilitem às docentes, assumirem a função de mediadoras entre o conhecimento/conteúdo e a criança em processo de desenvolvimento e aprendizagem. Para isso, a aposta no ato criador das docentes, a aproximação às realidades que se apresentam tão diversas, a liberdade para optar pelos recursos, métodos e estratégias, deveriam assumir a prioridade na ação docente e o currículo, vinculado à vida, ao contexto e às transformações inerentes a ele. Dessa forma, de acordo com a fala da professora Daiane (C), o que consta na Base Nacional Comum Curricular sobre currículo, vai ao encontro da sua concepção, embora não seja o que tem se vivido na escola, nesse período pandêmico, como relatado anteriormente.

Portanto, os agrupamentos propostos não devem ser tomados como modelo obrigatório para o desenho dos currículos. Essa forma de apresentação adotada na BNCC tem por objetivo assegurar a clareza, a precisão e a explicitação do que se espera que todos os alunos aprendam no Ensino Fundamental, fornecendo orientações para a elaboração de currículos em todo o País, adequados aos diferentes contextos. (BRASIL, 2018, p.31)

Percebe-se que há um distanciamento entre o que propõem os documentos e aquilo que acontece no universo da escola e da docência. Podemos perceber na fala da professora Daiane (C), seu posicionamento diante do documento, evidenciando um dos desafios docentes nesse momento - dar conta, sem apoio, da prática pedagógica no momento pandêmico, ela revela:

[...] a gente teve muita formação no estado, muita formação mesmo, olha faz uns 4 anos que eu trabalho no estado e eu não me recordo de um momento que a gente teve tanta formação e de tanta qualidade, em relação às tecnologias, daí parênteses, em relação às tecnologias, então assim nós tivemos muito suporte não só da escola como da própria Secretaria de Educação de modo geral, a gente teve plataformas que eu do meu ponto de vista considero muito boas, porque o estado acabou investindo uma verba eu acredito que bem grande, nessa compra de pacote do Google, então ele comprou um pacote do Google, eles criaram e-mails para nós e-mails

institucionais [...].Essa questão da mediação do conhecimento com as crianças, ninguém veio e disse assim: 'olha prof, o seu, acho que aqui por exemplo, você tá trabalhando adição, você pode usar essa estratégia para as crianças entender o processo de soma', isso não, isso nunca aconteceu, mas formação de outras questões, aí veio de tudo. [...] nós temos uma proposta que eu acho muito maravilhosa, muito, muito bem escrita, com competências e habilidades muito incríveis, muito lindas quando você abre lá. Mas o que eu vejo que falta, a alguns anos, quando a gente tava formulando, essa dita dessa proposta, que inclusive foi aberta para professores da rede participar da construção, se tentou debater um pouco no como fazer, que aí eu acho que também entra questão da mediação. Como eu vou mediar para que a minha criança, ela desenvolva aquela habilidade? Então isso a um tempo atrás se tentou fazer, a gente teve alguns encontros e tudo mais, então a gente tem essa proposta, ela tem essa abordagem teórica, mas na prática, no dia a dia e durante a pandemia, nós não fizemos essa discussão enquanto grupo, enquanto rede, não aconteceu [...]. (Daiane (C))

Gonçalves e Jesus (2014) destacam a mediação em Vigotski, considerando-a como “um processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação”. De acordo com este conceito, podemos vislumbrar, na educação, o professor como mediador entre o saber instituído e o aluno.” (GONÇALVES; JESUS, 2014, p. 9). Desse modo, o conhecimento por meio do docente mediador é um processo em construção e que deixa de ser apenas repassado. Ainda segundo as autoras, a mediação entre docente e aluno, fará sentido apenas se realizada no plano da ZDP (GONÇALVES; JESUS, 2014, p. 9).

Diante dos desafios do ensino remoto, o planejamento docente se torna um desafio ainda maior, não apenas pela exigência de conseguir concluir o conteúdo proposto aos alunos, mas, conduzir o aluno a se apropriar de tal conhecimento (CORRÊA, 2017), a docente Camila (A) relata que

[...] muitas vezes era assim, tem um conteúdo para trabalhar, como a gente vai adaptar para o sistema online? [...] mas o conteúdo pra nós, ele sempre deixou bem claro que era pra se trabalhar o essencial, mas quando você olha, tudo é essencial, como separar? O que tirar? nós do segundo ano, focamos mesmo ali na leitura, e produção de texto, deixou bastante a desejar. (Camila (A))

Dessa forma, o planejamento pensado para/com a realidade do aluno, fez a diferença em seu desempenho, pois quando a tarefa for pensada com qualidade e equidade, com uma atenção diferenciada, como a docente Tânia (C) destaca “[...] era criar mesmo, tirar da cartola, coisas que nem sei de onde saiu direito [...]”, ser capaz de produzir novas possibilidades de instrumentos, para que assim pudesse suprir a necessidade de seus alunos. O desenvolvimento

dos alunos pode se dar em diferentes tempos, diante da particularidade de cada indivíduo, mas será efetivo.

De tal modo, nos referimos à equidade diante das diferentes oportunidades ofertadas, respeitando as diversidades entre os alunos, ou seja, promover educação com qualidade e respeitar os princípios de equidade, reduzindo os efeitos das diferenças. Consequentemente, é necessário entender a contraposição entre igualdade e equidade, Nogueira (2004) explica esses conceitos, ela destaca que

Igualdade se refere aos direitos fundamentais que constroem a cidadania contemporânea, significando direitos tanto no que se refere à garantia de liberdade como à distribuição da riqueza, dos bens materiais e imateriais socialmente produzidos. [...] Já a equidade, seu sentido clássico, aristotélico, supõe uma diferença, ainda que consensual em princípio. Refere-se mais a partes que cabem a cada um, independente da igualdade ou não. (p.7-8)

Em vista disso, a equidade busca suprir a necessidade de cada indivíduo, no qual devem ser tratados de formas diferentes, conforme a necessidade de cada um, para que deste modo, seja possível assegurar oportunidades iguais para todos, tornando assim, uma sociedade justa, principalmente em tempos de pandemia.

As docentes destacaram como foi a participação dos alunos, seja nas atividades encaminhadas ou em encontros remotos, a professora Ester (B) aponta sobre a rede municipal no que se refere aos tempos e recursos disponibilizados às escolas:

Depois lá pelo mês de setembro, a gente teve então o classroom, que para falar a verdade, na minha turma nenhum conseguiu realizar atividade nessa plataforma, por falta de acesso, não tinha celular que funcionasse direito, classroom somente pelo not, então foram várias dificuldades [...] (Ester (B)),

Como destaca a docente, não houve retornos através das tecnologias. Isso não significa que não houve interesse, ou que foi negligência dos responsáveis. Consideremos as realidades das famílias, tão diversas, tão desiguais, seja pelo fato de acesso aos recursos tecnológicos ou o próprio acesso aos conhecimentos, as dimensões da desinformação ou os entendimentos equivocados sobre o conteúdo encaminhado, o enunciado das atividades e, até mesmo, o analfabetismo de membros da família. Estão implicados aí os contextos socioculturais-históricos, tão destacados por Vigotski.

Na escola estadual as professoras também falaram sobre o acesso neste ano de 2020, “pouca participação quando a gente fazia aulas pelo Meet” (Clarice (C)), a professora Daiane (C) complementa

[...] questão do acesso à internet, que muitas famílias não tinham né, por conta da realidade, as atividades eram impressas na escola, então era uma loucura, toda vez que eu ia buscar atividade eram caixas assim de atividades impressas, porque era muito mais prático, vocês imaginem que eu tinha um segundo ano, era muito mais prático para sua família pegar impresso do que acessar aquela parafernália toda, pelo celular, as vezes não tinha um notebook disponível. (Daiane (C))

A participação das crianças nas aulas, foi destaque nas falas da maioria das docentes das escolas públicas, pois depois que começaram a fazer as aulas online pelo Meet, o número de alunos reduziu significativamente, apesar de juntar as duas turmas, não havia muitas participações. Contudo, na rede privada, foi outra experiência, “[...] eu tive 100% de participação dos meus alunos em todo o ano passado” (Camila (A)) e a segunda professora da rede, também destaca que “[...] tinha muitas crianças que ainda usavam celular só, nem todos tinham computador, então eu ainda tinha alguns que estavam só no celular, então também essa questão ali, de ter que cuidar a tela” (Tânia (A)), mas mesmo assim havia participação da turma nas aulas online.

Nesses relatos das professoras, percebemos as diferentes condições de acesso entre as duas realidades do público e do privado, porém uma fala da docente Daiane (C) argumenta a situação, é quando ela diz:

Eu acho que é muito mais do que a questão de acesso, para mim o que grita nas falas aqui é a questão social, realidades completamente distintas. Então você nenhuma realidade das famílias têm acesso, as famílias têm condições, as famílias têm condições de acompanhar e elas têm a preocupação em acompanhar, então passa pela questão da educação das famílias e do meu ponto de vista, cultural também, é uma realidade [...] (Daiane (C))

Após essa fala sobre as questões sociais, ela relatou que ocorreu em sua aula, “[...] a gente trabalha com a questão de incentivo à leitura, enfim todo mundo faz isso, e aí eu falei para uma das minhas crianças, ‘querida você não tem nada em casa, nem uma revista velha, nem um jornal? nada nada nada?’ ‘não, a minha mãe não gosta de papel, ela põe tudo fora’, então você vê que é uma questão cultural de você não ter material para disponibilizar para as crianças. (Daiane (C)).

Dentre as categorias de análise definidas, as estratégias pedagógicas tomam assento na expressão da professora Débora (C), quando teve que pensar alternativas diferentes para poder alcançar a atenção dos alunos, ela conta que incluiu ao seu planejamento os jogos do Efuturo, ela passou a participar desde a pandemia

Essas atividades eu conseguia fazer tudo via tela do celular, eu trabalhava todos os componentes curricular, [...] assim, como eles faziam tudo na tela do celular, português, matemática, ciências, geografia, história, a partir do momento que eles finalizavam atividade, que dava o finalizar, chegava no meu e-mail as atividades, e na tela do celular deles, quanto de acerto as crianças tinham, então dessa forma, eu consegui quase que 100% dos alunos que participavam. (Débora (C))

Em decorrência das aulas remotas, está ocorrendo ainda mais desigualdades, principalmente, em questões da aprendizagem dos alunos, “a gente nunca teve crianças no mesmo nível, todas no mesmo nível na frente, mas me parece que hoje a diferença é muito grande, por exemplo, eu tenho turminha de segundo ano, eu tenho desde criança que não reconhece todas as letras do alfabeto até criança que escreve na cursiva, tudo na mesma turma” (Daiane (C)). Gonçalves e Jesus (2014) compreendem que as crianças não são todas iguais e que aprendem de forma diferente, mas, essas situações se evidenciaram muito no ano de 2020.

“E nós, como educadores, podemos fazer a diferença na vida de nossos alunos, mediando o conhecimento. Valorizando suas experiências (zona de desenvolvimento atual), e a partir delas levá-los à zona de desenvolvimento proximal, construindo o conhecimento que será real” (GONÇALVES; JESUS, 2014, p. 19). Porém, o que a docente Daiane (C) acreditou ser necessário, foi solicitar que as famílias tivessem calma no ensinamento com as crianças, para que assim pudesse diminuir, um pouco, a diferença de aprendizado entre os alunos de uma mesma turma.

Dessa forma, identifica-se a importância da mediação no processo de aprendizagem e intensificação do desenvolvimento, sendo necessário utilizar de diferentes estratégias e recursos para seguir o trabalho docente por meio do ensino remoto. As interações foram necessárias para as crianças, tanto para as docentes que, apesar de passarem por vários obstáculos, contaram com a ajuda de colegas, familiares e de psicólogos, além de serem profissionais, havia uma vida pessoal também, sendo árdua essa separação:

o meu maior desafio foi ser mãe, esposa, professora, chegou um momento que eu achei que não fosse dar conta, e daí é tecnologia todo dia, diminuiu a carga horária do professor, mas era o WhatsApp a manhã toda na verdade era quase que 24h, porque às vezes a gente acordava e tinha mensagem as quatro/cinco da manhã. (Camila (A)).

No contexto dos diálogos, expressões das dificuldades frente ao inusitado, *desafios* que se instalaram no cotidiano docente de onde emergiram *aprendizagens* e conhecimentos que alavancaram a criação, a busca por *estratégias pedagógicas* que respondessem mais

adequadamente às condições de acesso ao conhecimento escolar, diante das condições pandêmicas. Mas não só. Nessas experiências compartilhadas, a compreensão de que a mediação semiótica no desenvolvimento e na aprendizagem humanas, pode se dar nos contextos mais diversos, mais contraditórios (desigualdades socioculturais) e mais pobres de instrumentos e signos. Por isso, ainda que em um tempo e em um espaço de vivências dramáticas, cercadas de medos, incertezas, inseguranças, a aprendizagem, independente do nível (de escolarização, neste caso) acontece mediante a interação com o outro e com o mundo. A mediação na/da atividade humana, nos constitui humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo e da questão problematizadora deste artigo, após analisar como ocorreu a mediação docente no ano de 2020, com professoras de 1º e 2º ano do ensino fundamental, constatou-se que a interação entre *o um e um outro* se dá incessantemente e sempre com a mediação. Uma mediação que se dá via dois elementos básicos: o instrumento e o signo. A presença de tais elementos da mediação, se apresentaram o tempo todo nos diálogos entre pesquisadora e pesquisadas. O acesso aos instrumentos de mediação para as docentes, mesmo em diferentes níveis a cada rede de ensino, algumas tendo mais recursos, como é o caso da rede privada, outras com restrições consideráveis, como expresso pelas docentes de redes públicas. Isso acontece também com o outro elemento básico da mediação: o signo, quando na rede privada os pais e as crianças tinham uma aproximação maior com a professora, já na rede municipal, o que ocorreu na maior parte do tempo foram as atividades impressas, na rede estadual, como houve o relato, os pais não entendiam o que a docente escrevia e este foi um fator que acarretou uma mediação insatisfatória pela versão da professora.

Quanto às dificuldades que envolveram esse grupo de docentes, o que predominou foi o obstáculo das tecnologias, pois a maioria das professoras não tinham tanta afinidade com os meios digitais de informação e outro ponto que apareceu bastante entre as falas foi separar a vida pessoal da profissional, o excesso de carga horária, como a professora Camila (A) destaca como desafio

[...] a tecnologia, acho que está em primeiro lugar, não que a gente não fazia né, mas eu acho que a gente não precisava buscar tanto, tinha outros métodos que dava conta, então acho que realmente aí primeiro lugar e segundo essa questão de ser mãe, todo mundo em Home Office, marido, filhos, então isso

para mim pesou bastante, eu confesso que a gente formou um grupo na escola e a psicóloga da escola começou atender em grupo e daí também no individual, porque estavam todas com problemas bem sério mesmo, ansiedade veio aflorou em todas. Acho que isso foi geral, independente, particular, município e estado, professores com carga muito... a gente precisou se reinventar em pouco tempo, então acho que isso, foi o reinventar mesmo eu acho que é um desafio, agora a gente tira de letra. (Camila (A))

Quando a atual pandemia interrompeu a convencional forma de mediação docente à aprendizagem das crianças, uma cisão se coloca no processo de escolarização e aquilo que era interação, contato, aproximação e mediação presencial, com o toque de mãos, com os olhares que falam e aquela presença que se torna referência, passaram a ser distância, falta, descompasso e ausência de referência. Diante das necessidades tão grandes de orientações acerca dos aspectos pedagógicos e de mediação docente no novo cenário, docentes esperavam apoio didático-pedagógico, cursos, oficinas, ou outro tipo de formações que trouxessem mais recursos e conhecimentos para operar no cenário tão diverso no meio profissional. No entanto, o foco, o objetivo dos órgãos governamentais, se voltou muito mais aos meios tecnológicos para acesso aos conhecimentos escolares, do que às condições individuais e coletivas para utilizá-los. Para além disso, as desigualdades socioculturais, econômicas e de conhecimentos gerais e específicos, causou um fosso ainda maior entre escolas públicas e privadas.

Assim, a mediação e a aprendizagem ficaram comprometidas em vários aspectos, como na qualidade, equidade, no acesso aos meios necessários, seja recursos tecnológicos ou meios didáticos pedagógicos mesmo.

A partir deste trabalho, tivemos a oportunidade de pesquisar sobre a mediação docente e ouvir diferentes experiências diante de um cenário pandêmico que trouxe à tona e acentuou diversas dificuldades já existentes mas, que se aprofundou drasticamente nesse período.

Acredito que essa pesquisa pode contribuir na compreensão sobre a temática em foco que é a mediação docente em situações adversas, no caso, a pandemia. Mas, para além de explicitar aspectos específicos de um tempo e um espaço determinados, proporcionou novas reflexões e discussões se tornando um registro de experiências educacionais vividas em um período de pandemia que marcou profundamente a história.

Por fim, destacar que nessa pesquisa, foi possível observar como a mediação não se baseia somente no contato presencial, apesar de ser o melhor modo. Diante do momento pandêmico, foi necessário usar de diferentes estratégias para conseguir chegar ao aluno, dessa forma, a tecnologia possibilitou essa comunicação e interação virtual, assim, foi possível seguir aprendendo e ensinando.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

Acesso em: 18 nov. 2021.

CAVALCANTI, I. M. F. **Conhecendo a Covid-19**. 1 ed. Vol. 1: Belém - Rfb Editora, 2020.

CORRÊA, C. R. G. L. A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 379-386, 2017.

F. A. Tonetto Costas; L. Soares Ferreira. Sentido, Significado e Mediação Em Vygotsky: Implicações para a constituição do processo de leitura. **Revista Ibero-Americana De Educação**. N.º 55. p. 205-223. 2011.

FONTANA, R. A. C. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 4 ed. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GONÇALVES, E. B; JESUS, A. R. Ensino e aprendizagem na perspectiva histórico-crítica: algumas reflexões. In: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**, 2010. (Cadernos PDE) Curitiba: SEED/PR., v.1, 2014.

MARTINS, O. B; MOSER, A. Conceito de mediação em Vygotsky, Leontiev e Wertsch. **Revista Intersaberes** | vol. 7 n.13, p. 8 - 28 | jan. – jun. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro. **Direitos Humanos – a antinomia igualdade X equidade**. Anais do XVIII Seminário Latinoamericano de Escuelas de Trabajo Social – La custión social y la formación profesional em Trabajo Social em el contexto de las nuevas relaciones de poder y la diversidad latinoamericana. San José – Costa Rica, de 12 a 14 de julho de 2004.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SANTA CATARINA. Governo do Estado da Educação. **[Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica]**. 2014. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/documentos/ensino-89/proposta-curricular-156/4326-proposta-curricular-final>. Acesso em: 28 jul. 2021.

SARAIVA, Karla; et al. **A educação em tempos de COVID-19**: ensino remoto e exaustão docente. *Práxis educativa*. Ponta Grossa, PR. Vol. 15 (2020), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094>. Acesso em: 21 abr. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.